

# Má conservação compromete

## Patrimônio Histórico Estadual.

111.520

Uma das maiores riquezas do capixaba não está sendo devidamente preservada pelo Estado. No Palácio Anchieta, a pintura está descascando, há vidros quebrados, tapetes, quadros e móveis necessitam de restauração, carpetes manchados escondem o piso de madeira em várias salas, e divisórias de fórmica agridem a estética do monumento, tombado pelo Patrimônio Histórico Estadual.

Construído na segunda metade do século XVI, o Palácio já foi colégio dos Jesuítas, Igreja de São Tiago e residência dos Governadores da Província. A argamassa utilizada na época era feita de borra de óleo de baleia e conchas, que eram calcinadas (queimadas e reduzidas a cal). Essa pasta servia de cimento para as paredes de pedra que chegam a ter um metro e meio de espessura. A obra, de estilo barroco, foi transformada em sede do governo da capitania em 1760.

Durante o governo de Jerônimo Monteiro (1908-1912), o francês Justin Norbert foi chamado para restaurar o Palácio, mas o trabalho não obedeceu à originalidade da casa. O professor de História da Arquitetura Fernando Achiamé, explica que Norbert deu um toque eclético à restauração: "Ele destruiu uma construção original, barroca, para fazer uma neo barroca, que mistura vários estilos". O Palácio foi bastante modificado. O que há de mais original hoje são as paredes.

Com quase dois mil metros quadrados de área construída, a sede do governo estadual abriga hoje, além da governadoria e vice-governadoria, a Casa Civil e Militar, e a Secretaria de Planejamento, que ocupa metade do espaço. O Palácio é aberto a visitas aos domingos, de 14 às 18 horas, com acesso aos principais salões. O mais requintado é o Salão Dourado, com móveis franceses do século XIX, pintado a ouro, quadros de Homero Massena, tapetes persas, e um espelho veneziano estilo rococó. O Salão Negro, pesado e austero, é utilizado para almoço com autoridades. Decorado com quadros do capixaba Levino Fanzeres, possui uma mesa para 24 lugares. É interessante notar que não se tem nenhum registro de como esses móveis e peças entraram no palácio.

O professor Fernando Achiamé acha que o Palácio deveria ser transformado num amplo centro cultural, já que não é mais residência do Governador, nem é eficiente como sede do governo, pois as secretarias estão espalhadas pela cidade. A Hilda Cabas, chefe da Administração do Palácio e das Residências Oficiais, não concorda. Ela propõe que somente a Secretaria de Planejamento seja transferida — aí haveria espaço para o centro cultural e para a sede do Governo. (André Hees de Carvalho)

(André Hees de Carvalho)  
(André Hees de Carvalho)



Salão Dourado, o mais requintado e luxuoso do palácio.